

Infográfico: possibilidades metodológicas em salas de aula de Ensino Médio

Infographics: methodologicis possibilities in High School classrooms

Denise Aparecida Calegari *

Alba Maria Perfeito **

RESUMO: Este artigo apresenta a experiência de leitura de um texto multimodal, um infográfico, com alunos do 1º ano do Ensino Médio de uma escola particular da cidade de Londrina. O objetivo é apresentar a metodologia utilizada para a realização da atividade e mobilizar elementos que envolvam mecanismos de produção e recepção desse tipo de texto. Como as demandas atuais exigem leitores cada vez mais capacitados, a escola deve cumprir seu papel de formadora de leitores críticos, engajados, levando aos discentes não apenas textos verbais, como ocorre tradicionalmente, mas textos multimodais recorrentes na sociedade. Isso é imprescindível para que se aprimorem como leitores e, conseqüentemente, entendam, critiquem, questionem, enfim modifiquem o contexto social. A atividade foi elaborada sob a ótica da Linguística Aplicada.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Língua Portuguesa. Texto multimodal. Linguística Aplicada. Infografia.

ABSTRACT: This article presents an experience of reading by using a multimodal text on infographic, with students in the 1st. grade in a private high school in Londrina. The objective is to present the methodology used to perform the activity and mobilize elements that involve production mechanisms and reception of this type of text. As the current demands require increasingly skilled readers, the school must fulfill its primary role in preparing the youth to become critical and engaged readers by using not only verbal texts, as traditionally occurs, but multimodal texts present in society. This is

* Mestranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). É professora de Língua Portuguesa e Produção de Textos da rede privada de ensino nos níveis Fundamental II e Médio. E-mail: denisecalegari@bol.com.br

** Doutora em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Adjunta da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL). E-mail: perfetto_3@hotmail.com

essential to lead them enhance their ability as good readers in order to understand, criticize, question, and finally modify the social context. The activity was developed under the perspective of Applied Linguistics.

KEYWORDS: teaching of Portuguese language, multimodal text; Applied Linguistics; infographics.

Introdução

Atualmente, o emprego de diferentes tipos de linguagem traz à tona um novo tipo textual que é muito comum nas práticas sociais cotidianas: o texto multimodal. Para a Teoria da Multimodalidade, o texto multimodal é aquele cujo significado se realiza por mais de um código semiótico, conforme destacaram Kress e van Leeuwen (1996).

Sendo assim, o ato de ler não deve se centralizar somente na escrita, já que esta se constitui como um elemento de representação que coexiste com a presença de imagens e de diferentes tipos de informação. Segundo Kress, Leite-Garcia e van Leeuwen:

Um número variado de modos semióticos está sempre envolvido em uma determinada produção textual ou leitura, pois todos os signos são multimodais ou signos complexos, existindo num número de modos semióticos diferentes; cada modo tem sua representação específica, produzida culturalmente, além de seu potencial comunicacional; é necessário um entendimento sobre como ler estes textos, se são coerentes em si mesmos. (KRESS; LEITE-GARCIA; VAN LEEUWEN, 1997, p. 269).

Logo, nenhum sinal ou código deve ser entendido de forma plena quando analisado isoladamente, já que os elementos se completam na composição dos sentidos.

Os textos multimodais estão presentes na comunicação verbal, especialmente na mídia jornalística que, constantemente, faz uso deles. Nosso foco, neste estudo, recai sobre um gênero de texto multimodal, o infográfico, o qual tem uma forma de apresentação eficaz ao facilitar a compreensão do

assunto e tornar a leitura mais interessante por incorporar, simultaneamente, múltiplas semioses.

Cabe observar que o uso dos infográficos normalmente tem em vista o leitor leigo em determinado assunto, na busca por informação é necessário que esta lhe seja apresentada de forma mais inteligível, como ocorre no caso de divulgação científica, por exemplo. Os novos saberes científicos necessitam de uma “tradução interlingual” (MORTUREX, apud LEIBRUDER, 2000). Nesse sentido, o infográfico compõe-se pela intersecção de discursos da esfera da comunicação: a esfera da comunicação científica e a esfera da comunicação jornalística. Enquanto o primeiro faz uso da objetividade, da suposta neutralidade e da impessoalidade da linguagem; o segundo tende para a subjetividade, coloquialidade, informalidade, clareza e concisão.

Considerando ser este século (o século XXI) o da tecnologia e da informação visual, época em que os indivíduos, cada vez mais, destinam menos tempo à leitura de textos extensos (LÉVY, 2004; TEIXEIRA, 2004; LETURIA, 1998), é preciso pensar em textos que proporcionem a leitura rápida e eficiente.

Nesse contexto, o artigo trata de uma experiência de leitura de um texto multimodal, um infográfico, com alunos do 1º. ano do Ensino Médio de uma escola particular da cidade de Londrina. O objetivo é apresentar a metodologia utilizada para a realização da atividade e propiciar o contato com elementos que envolvem mecanismos de produção e recepção desse gênero de texto. Como as demandas atuais exigem leitores cada vez mais proficientes, a escola deve cumprir seu papel de formadora de leitores críticos e engajados, veiculando em salas de aula não apenas textos verbais, como ocorre tradicionalmente, mas textos multimodais, os quais são recorrentes na sociedade. Dessa forma, os sujeitos-alunos poderão aprimorar-se como leitores e, conseqüentemente, entender, criticar, questionar e modificar o contexto social. A atividade foi elaborada sob a ótica da Linguística Aplicada.

De arte decorativa a recurso fundamental

A junção do verbal com o visual, característica do infográfico, não é algo novo. Peltzer (1992, p. 75) afirma que: "A informação gráfica apareceu na imprensa praticamente com os primeiros jornais, mas sempre foi considerada mais como uma arte decorativa, ou como simples complemento da informação textual do que como informação em si mesma". Barthes e Compagnon (1987) observam que a relação era marcada por desequilíbrio: imagens alegóricas acompanhando textos de maior importância ou textos acrescentados para especificar informações de imagens.

Com o decorrer do tempo, essa junção foi evoluindo, a imagem passou a não ser mais vista como uma ilustração figurativa para adornar a página em que veiculava um texto; tampouco o texto, como um suplemento para o entendimento de uma imagem. A infografia passou a ocupar considerável espaço na mídia devido à evolução da imprensa, às tecnologias de transmissão, às novas formas de representação de dados e, também, às mudanças das relações do homem na sociedade.

Outra característica que contribuiu, sobremaneira, para esse fato foi:

[...] o ágil processo de globalização pelo qual passamos, o qual rompeu barreiras econômicas e políticas e, somado à informatização trazida pela terceira revolução industrial, viabilizou a difusão de informações e deu ao nosso tempo o caráter da rapidez e da efemeridade. (MOTTA-ROTH, 2005, p. 185).

Hoje, os infográficos estão presentes em todas as mídias, eles se tornaram uma tendência dos enunciadores da comunicação que empregam recursos visuais em suas mensagens.

Além do mais, são muito mais atraentes do que o texto apenas verbal, promovem uma compreensão quase instantânea, o que faz a informação ser veiculada mais diretamente, visto que "a maior força da linguagem visual está em seu caráter imediato, em sua evidência espontânea" (DONDIS, 2000, p. 134).

Infográfico – algumas definições

O termo infográfico vem do inglês *informational graphics*. Essa terminologia passou a ser usada, recentemente, na designação de representações gráfico-visuais que relatam algum evento ou processo. Conforme Cairo (2008, p. 21), o termo começou a se popularizar no meio jornalístico na década de 80 e começo dos anos 90 do século passado.

Na busca pelo conceito, a partir de estudos sobre o termo infográfico, encontramos:

É uma forma de representar informações técnicas como números, mecanismos e/ou estatísticas, que devem ser, sobretudo, atrativos e transmitidos ao leitor em pouco tempo e espaço. Normalmente utilizado em cadernos de Saúde ou Ciência e Tecnologia, em que dados técnicos estão mais presentes, o infográfico vem atender a uma nova geração de leitores, que é predominantemente visual e quer entender tudo de forma prática e rápida. Segundo pesquisas, a primeira coisa que se lê num jornal são os títulos, seguidos pelos infográficos, que, muitas vezes, são a única coisa consultada na matéria. (CAIXETA, 2005, p. 1).

O infográfico, conforme a definição acima, era usado para apresentar dados em Editoriais de Saúde, Ciência e Tecnologia. No entanto, hoje, em decorrência de sua eficácia no processo de comunicação, está presente em várias áreas, como Política, Cultura, Cidades e Variedade.

A fusão de imagem e texto, ao contrário de sua terminologia, não é algo que surgiu recentemente, já faz parte do jornalismo há muito tempo. No suporte impresso, desde 1806 (PELTZER, 1991; DE PABLOS, 1999; VALERO SANCHO, 2001). No meio *online*, surge praticamente junto com o jornalismo *online* como reproduções estáticas da mídia impressa e, a partir de 1998, começa a incorporar as características da rede (CORES FERNÁNDES-LABREDA, 2004, 2005). Em ambos, a infografia tenta informar de modo sintético sem necessidade de o leitor recorrer a um texto anexo para entender a mensagem (COLLE, 1998; ALONSO, 1998).

De acordo com Valero Sancho (2004), o princípio de utilização independente do meio, a infografia deve ser empregada quando: torna-se necessária uma contribuição visual comparativa entre dados; precisa-se documentar algum assunto para que se possa compreender a informação; torna-se necessário ver claramente a localização dos acontecimentos.

Já a definição de infográficos, de acordo com Cairo (2008, p. 21 - 22), pode ser feita em dois passos: (1) "Um infográfico (ou infografia) é uma representação diagramática de dados" e (2) "Um diagrama é uma representação abstrata de uma realidade". A abstração é, para Cairo (2008, p. 22), "um componente essencial no design de diagramas", já que há seleção de informações relevantes para sua constituição. A abstração está relacionada ao grau de familiaridade que o leitor possui com o que está representado e, inclusive, com a forma com que foi representado. Ele deverá completar, mentalmente, as abstrações feitas no diagrama, arrematar e concluir para recepcionar de forma adequada o que foi abordado. Além desses aspectos, o consumismo que impera na sociedade contemporânea leva a informação a ser vista como mercadoria e, como tal, deve ser atrativa ao seu público consumidor.

Outra definição significativa é a de Coscarelli (2002, p. 75), para quem:

O texto convencional é tido como linear porque as palavras vêm umas depois das outras, assim como os parágrafos, os capítulos e assim por diante. Isso não significa que todos os textos são lidos na seqüência proposta pelo autor, e há muitos textos que estimulam a leitura não linear. No jornal, por exemplo, já na primeira página há inúmeras chamadas para outras páginas e partes. Pode-se dizer que o mesmo ocorre em infográficos, pois também há várias chamadas e conexões em que são feitas as leituras de forma não linear, podendo o leitor começar sua interpretação a partir da linguagem não verbal ou da linguagem verbal, não tendo uma estrutura rígida a ser seguida.

Módolo & Gouveia Junior (2007) defendem que um infográfico não deve ser considerado apenas um conjunto de tabelas, cores, desenhos e/ou fotos com o intuito de deixar a informação mais bonita, mas sim como um instrumento que visa a facilitar a compreensão da informação e oferecer uma

noção mais rápida e clara dos sujeitos, do tempo e do espaço dessa informação. Geralmente, o infográfico é empregado para veicular informações que exigem mais detalhamentos.

Logo, os infográficos valorizam o texto escrito, contextualizam a informação para o leitor, colaboram para a melhor compreensão do conteúdo ao unir a linguagem visual à verbal. Assim, atingem mais leitores, pois se encaixam adequadamente ao seu estilo de vida, proporcionando, inclusive, mais agilidade ao processo de recepção textual.

Infográficos no ambiente escolar

A escola, para muitos, representa a principal, senão a única, porta de acesso à leitura e à escrita, forma leitores e escritores, prepara os educandos para a vida e não apenas para as atividades acadêmicas. Sendo assim, não há como ignorar a recorrência de infográficos em revistas científicas ou de variedade e em jornais. Porém, tanto as apostilas quanto os livros didáticos pouco trazem sobre formas de como abordar esse gênero discursivo. Daí a preocupação em abordá-lo em sala de aula.

O objetivo da atividade desenvolvida é apresentar ao aluno a infografia, englobando o seu contexto de produção, a sua organização discursiva, bem como a sua composição textual-imagética, proporcionando-lhe a apropriação das características regulares dos infográficos e, em decorrência, a sua interpretação adequada. Também relatamos possíveis estratégias de leitura, buscando fomentar melhorias mais efetivas no letramento desse gênero de texto.

Cabe destacar que, sendo o infográfico um representante da linguagem sincrética, para analisá-lo, bem como seus elementos componentes, é necessário estudar o seu modo de produção de sentido, as interpretações, as dimensões semissimbólicas (GREIMAS; COURTÈS, 1991, p. 228).

Definição do corpo de pesquisa

Optamos pela elaboração de uma atividade que envolvesse a compreensão de um infográfico publicado na revista *Veja*, por se tratar de um texto de uso significativo em nossa sociedade e por ser essa uma revista de grande repercussão entre leitores de todo o país. Propusemos fazer a leitura e a compreensão do infográfico em sua versão impressa, já que sua diagramação/formatação é um aspecto relevante para a leitura adequada, devido à hierarquia existente entre os elementos que o constituem. Nosso objetivo era que o aluno compreendesse a organização e a hierarquização das ideias apresentadas, apropriando-se de procedimentos para ler e compreender adequadamente esse gênero discursivo.

O texto em questão, 'A Guerra Mineral', de autoria de Ana Luiza Daltro, publicado pela revista *Veja*, Economia, pág. 94 e 95, ed. 2261, de 21/3/2012, foi estudado na disciplina de Multilinguagem, que é responsável por trabalhar interpretação textual. No caso aqui analisado, a aplicação da leitura ocorreu em três salas de 1º. Ano de Ensino Médio, em uma escola particular da cidade de Londrina. Essa atividade ocorreu durante o mês de abril, totalizando quatro horas-aula.

A indicação partiu da professora da disciplina de Química pela relevância do tema e conveniência de sua abordagem na área referida. É um texto produzido em uma esfera específica, para um público específico e, geralmente, de uso incomum no âmbito escolar. Daí a necessidade e a viabilidade de ser estudado na escola, como suporte das atividades pedagógicas.

O infográfico intitulado 'A guerra mineral' trata dos metais terras-raras, que são dezessete elementos químicos difíceis de serem encontrados com alto grau de pureza e concentração. Eles são bons condutores de eletricidade, altamente magnetizáveis e utilizados em equipamentos tecnológicos. A diagramação foi condensada em página dupla, provavelmente, para maior compreensão dos elementos gráficos que a compõem.

Análise do infográfico – procedimentos metodológicos

A experiência compreendeu várias fases que serão descritas a seguir para maior entendimento.

O texto foi fotocopiado em tamanho original, página dupla - formato A3, pois essa apresentação seria imprescindível para os alunos perceberem a interação dos elementos e verificarem que a mediação entre eles não foi realizada de modo aleatório, já que o infografista, ao montar uma versão visual dos fatos, faz escolhas valorizando certos elementos gráficos em detrimentos de outros.

“Sendo um infográfico um representante da linguagem sincrética, para analisá-lo, bem como seus elementos componentes, é necessário estudar o seu modo de produção de sentido, as interpretações, as dimensões semi-simbólicas.” (GREIMAS; COURTÈS, 1991, p. 228). Segue o infográfico analisado:

Imagem 01 - infográfico 'A Guerra Mineral'



Fonte: Revista *Veja*, edição 2261, de 21/3/2012, p. 94 e 95.

Após ser entregue aos alunos, houve a pré-leitura do assunto do texto. Logo em seguida, eles foram questionados se o texto em questão se tratava de um gênero discursivo. Após a discussão, conceituamos o que é um infográfico. Cabe informar que os alunos já haviam estudado o tema gênero discursivo, segundo a concepção de Bakhtin (1992), que o define como tipos relativamente estáveis de enunciados elaborados pelas diferentes esferas de utilização da língua e considera três elementos "básicos" que o configuram: conteúdo temático, estilo e forma composicional, aos quais acrescentamos o contexto de produção. Na sequência, analisamos o aproveitamento do espaço das páginas, a originalidade e a harmonia na disposição dos elementos, enfim, a estética. Os alunos perceberam a importância da disposição dos elementos gráficos e foram informados, pela professora, que jamais é aleatória a disposição desses. Pereira Junior (2006) postula que "diagramar é tomar posição", o que ficou evidente na análise. Então, decidimos de que ponto a leitura partiria, já que existem várias possibilidades devido à constituição do infográfico.

Recorremos ao *Manual de Redação da Folha*, o qual prega que os títulos devem ser, ao mesmo tempo, capazes de tornar claro, em poucas palavras e em ordem lógica, o objeto da notícia e de atrair o leitor, provocando-lhe seu interesse. E, ainda, cobra criatividade dos jornalistas, mesmo que tenham espaço reduzido: o fato de dispor de pouco espaço para a formulação dos títulos não deve ser desculpa para imprecisões. Para Pereira Junior (2006), “o título é uma informação que grita”. O título “Guerra Mundial” encontra-se ao lado superior esquerdo, em destaque. Devido ao fato de ter sido grafado com letras maiúsculas e em tamanho grande, começamos por ele, já que o hábito de leitura é da esquerda para direita e de cima para baixo, no caso da cultura ocidental. Por ser composto de apenas duas palavras, um substantivo e um adjetivo, não é um título autoexplicativo, continuamos a leitura a fim de dar significação a ele. Lemos o “olho” do texto. Cabe ressaltar que “olho”, no jornalismo, é um segmento que pode aparecer antes, acima ou abaixo do título, e tem como função esclarecer o tema do texto. Apresenta-se maior que o título e relativamente menor que o texto.

O tema não era conhecido pelos educandos; mesmo assim, eles se mostraram interessados. Como o texto se concentrou ao lado esquerdo da página, ganhou enfoque e nossa leitura seguiu a tendência esquerda-direita e de cima para baixo. Lemos o primeiro parágrafo, eles inferiram a comparação existente entre a Guerra Mineral e outras guerras importantes para a humanidade e, em função disso, a importância dos metais terras-raras, os quais, na sequência, foram definidos, trazendo à tona o que seria o tema em foco. Alguns sugeriram a leitura de um quadro explicativo que se posicionava ao lado direito do texto, na parte superior – o que chamava a atenção - e trazia a definição do que são os metais terras-raras.

Logo após, ainda no primeiro parágrafo, havia informações sobre a utilização desses elementos químicos e, entre parênteses, a indicação (“veja o quadro”) direcionando para a leitura do infográfico. O quadro trazia um carro Prius – apenas como ilustração e, posteriormente, a explicação de como se constitui uma bateria para carros híbridos e elétricos, levando o leitor leigo a

perceber a relevância dos metais terras-raras para a sociedade contemporânea, no que diz respeito ao setor automobilístico.

Os discentes, então, pediram para lermos alguns dos outros quadros em que apareciam imagens de aparelhos tecnológicos como televisão de LCD, *tablet*, aparelho de raios-x, computador, míssil, provavelmente, por serem aparelhos do interesse deles. Desse modo, atentaram para a importância dos metais em vários segmentos de nossa sociedade.

A leitura do segundo parágrafo esclareceu como se dá o consumo dos elementos químicos no mundo e qual a importância da China nesse cenário. O texto citou, inclusive, a fala presunçosa de um de seus dirigentes quanto ao fato de o país ter total domínio no comércio dos metais. Mobilizou, ainda, o porquê dessa supremacia e, conseqüentemente, a imposição de cotas de exportação. Com a leitura do parágrafo e o conhecimento adquirido com as informações dos quadros explicativos, os alunos coproduziram os sentidos do texto. Diante disso, lembramos que Cairo (2008, p. 27) atribui ao infografista a responsabilidade de “dar forma ao que por natureza parece caótico e incompreensível devido a sua grande complexidade”, referindo-se à informação. Como apontado anteriormente, o autor classifica o processo como apresentação diagramática de dados, “a sua transformação visual para facilitar sua compreensão” (CAIRO, 2008, p. 27). Isso pôde ser constatado na atividade em questão.

O terceiro parágrafo, nossa próxima etapa, trouxe mais elementos que ajudaram na compreensão do assunto, como a ação conjunta do Japão, Estados Unidos e União Europeia junto à Organização Mundial da Saúde (OMS), para denunciar as supostas restrições da China no comércio dos metais terras-raras e como a China, através da imprensa, revidou essa denúncia.

A leitura do quarto e último parágrafo desenvolveu-se de forma tranquila, pois o tema já estava sendo apreendido pela maioria dos alunos. Dessa forma, logo em seguida passamos para a análise da tabela periódica em que havia a intersecção dos quadros e dos elementos terras-raras, auxiliando a

compreensão mais global do assunto. O lado inferior direito – o menos privilegiado pela cultura ocidental - trouxe um gráfico que mostrava a produção de metais terras-raras pelas minas chinesas. Nele, a China foi representada pela cor vermelha, possivelmente, em referência à cor predominante de sua bandeira, símbolo da revolução e do Partido Comunista. Como é chamativa, enfatizou o poder de produção desse país diante do 'resto do mundo' – que veio representado pela cor cinza, tendo pouco destaque no quadro, preenchido pela cor preta.

Nesse momento, alguns discentes fizeram relação entre o Produto Interno Bruto (PIB) e a renda per capita da China, dos Estados Unidos e do Brasil, visto que o ranking das trinta maiores economias do planeta havia sido amplamente divulgado pela mídia nos dias anteriores. Para que compreendêssemos, interativamente o tema abordado, pesquisamos os dados relativos ao PIB, renda per capita, Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e população das seis maiores economias mundiais. Discutimos o conceito de monopólio e a possível monopolização pela China desses metais.

Após a leitura do infográfico, falamos sobre a diagramação simples e direta e sua funcionalidade para a compreensão do texto lido. Na concepção de Clapers (1998), as características de um bom infográfico são: (a) autonomia, não depender da matéria e não apresentar redundância e repetição de informações; b) veracidade, "não desvirtuar a mensagem" e "inventar dados para preencher espaços vazios ou dissimular lacunas de informação"; c) clareza, para ajudar o leitor a entender o conteúdo, facilitar sua leitura, oferecer uma visão global e fixar o tema. Todas essas características foram verificadas no infográfico analisado.

Segundo Leturia (1998), para ser considerado ético, um infográfico deve expor o conteúdo objetivamente e de acordo com a realidade. Para isso, o infografista deve unir elementos visuais com moderação, a fim de não distorcer a informação na tentativa de oferecer um trabalho diferente, mais atraente do que informativo para o leitor. Ao que acrescenta Lallana (1999), a infografia não deve ser exagerada em suas dimensões quando o tema não pedir, já que

deve ter caráter informativo, não ilustrativo. Ficou perceptível que todos esses aspectos foram considerados na constituição do texto em análise.

Observamos, no decorrer da atividade, que o editor do infográfico preocupou-se com a otimização da leitura, organizando as informações em quadros, gráfico, tabela, empregando diferentes tipos na página. Mesmo em se tratando de um texto da esfera jornalística, veiculado por uma revista que tem como público alvo pessoas com nível médio ou superior de escolaridade, trouxe estruturas sintáticas simples e vocabulário acessível aos alunos do 1º. Ano do Ensino Médio, na faixa-etária de 14 a 16 anos, o que lhes favoreceu a leitura.

Ao final da atividade, um educando questionou sobre a autoria do infográfico, dado o fato de não haver nenhuma menção a isso. Esse estudante ficou encarregado de pesquisar sobre o assunto e assim o fez, na aula seguinte comentou com a turma que, apesar de a maioria dos infográficos não ser assinada, a autoria é um dos elementos obrigatórios, conforme o que defende o NUPEJOC (Núcleo de Pesquisa em Linguagens do Jornalismo Científico). Porém, normalmente, eles trazem apenas referência à Editoria de Arte.

Como finalização do trabalho, depois da interpretação oral, foi disponibilizada, no site do colégio, uma tarefa para ser realizada em casa, com questões interpretativas referentes ao infográfico estudado. Os resultados apontaram a receptividade e o interesse dos alunos no trato de questões que não fazem parte, diretamente, de seu cotidiano, mas que chamam a atenção devido aos recursos empregados para serem tratadas.

Considerações finais

A infografia é um instrumento do mundo contemporâneo, da sociedade tecnológica. Manifesta-se como eficaz no processo de produção jornalística. A junção que faz entre imagem e texto facilita a coprodução de sentidos, na veiculação das informações ao leitor. Ler infográficos, adequadamente, é uma prática que os alunos precisam desenvolver devido à sua recorrência nos suportes midiáticos. Isso sugere que a escola trabalhe com esse gênero

discursivo levando em conta, inclusive, que os educandos pertencem a uma geração que tem contato com tecnologias interativas, constantemente, desde muito cedo, e isso deve ser aproveitado.

A atividade desenvolvida em sala de aula demonstrou que os discentes são receptivos e coproduzem adequadamente sentidos de textos que fogem ao padrão tradicional encontrado nas apostilas e/ou livros didáticos. O ambiente escolar proporciona momentos de interação em que percebemos o ato de leitura como um processo de compreensão ativa, os comentários entrecruzam-se, constituindo elos na cadeia da enunciação verbal. Dessa maneira, avaliamos o trabalho com esse gênero ser imprescindível na formação de nossos educandos, tornando-os indivíduos multiletrados e possíveis produtores de suas próprias leituras e, inclusive, escritas.

Destacamos, ainda, que a maneira como ocorreu a escolha do infográfico e do tema foi pertinente para o desenvolvimento da atividade, visto que os alunos reconheceram a importância desse conhecimento para sua formação cultural.

Referências

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARTHES, Roland; Compagnon, Antoine. *Leitura*. In: Ruggiero, Romano (org.). Enciclopédia Einaudi. vol. 11. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987.
- CAIRO, Alberto. *Infografía 2.0 - visualización interactiva de información em prensa*. Madrid: Alamut, 2008.
- CAIXETA, Rodrigo. *A arte de informar*. (Associação Brasileira de Imprensa). Disponível em: www.abi.org.br/paginaindividual.asp?id=556. Acesso em: 20 de abril de 2012.
- CLAPERS, Jordi. *Los gráficos, desde fuera de la redacción*. Revista Latina de Comunicación Social, La Laguna (Tenerife), n. 9, set, 1998. Disponível em: <http://www.lazarillo.com/latina/a/36infojordi.htm>. Acesso em: 5 abril de 2012.
- COLLE, Raimond. *Estilos os tipos de infógrafos*. Revista Latina de Comunicación Social, La Laguna (Tenerife), n. 12, dez, 1998. Disponível em:

<<http://www.lazarillo.com/latina/a/02mcolle.htm>>. Acesso em: 2 abril de 2012.

CORES FERNÁNDEZ-LABREDA, Rafael. Shaping hypertext in news: *Multimedia infographics*. In: Towards New Media Paradigms: Content, Producers, Organizations and Audiencies. Pamplona: Eunate, 2004.

DALTRO, Ana Luiza. *A guerra Mineral*. Revista Veja. São Paulo: Editora Abril, ed. 2261, p. 94 e 95, 21 de março de 2012.

DELPHINO. *Uma leitura multimodal de um texto publicitário*. Disponível em: <<http://www.cefetsp.br/edu/sinergia/fatima2.html>>. Acesso em 5 abr. 2012.

DE PABLOS, José Manuel. Infoperiodismo. *El Periodista como Creador de Infografía*. Madrid: Editorial Síntesis, 1999. Siempre ha habido infografía. Revista Latina de Comunicación Social, número 5, 1998. Disponível em: <www.ull.es/publicaciones/latina/a/88depablos.htm>. Acesso em 25 mar. 2012.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Semiótica: diccionario razonado de la teoría del lenguaje*. Tomo II. Madrid: Editorial Gredos, 1991.

KRESS, G.; LEITE-GARCIA, R.; VAN LEEUWEN, T. Discourse Semiotics. In: DIJK, Teun A. van (Org.). *Discourse as Structure and Process*. USA: Sage, 1997.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of the design visual*. London: Routledge, 1996.

LALLANA, Fernando. *Diseño y color infográfico*. Revista Latina de Comunicación Social, La Laguna (Tenerife), n. 13, jan. 1999. Disponível em: <www.lazarillo.com/latina/a1999c/150lallana.htm>. Acesso em: 10 abr. 2012.

LETURIA, Elio. *¿Qué es infografía?* Revista Latina de Comunicación Social, La Laguna (Tenerife), n. 4, abril de 1998. Disponível em: <www.ull.es/publicaciones/latina/biblio/libroinfo/r4el.htm>. Acesso em: 13 abr. 2012.

LÉVY, Pierre. *A ideografia dinâmica: rumo a uma imaginação artificial?* 2. ed. Tradução de Marcos Marcionilo e Saulo Krieger. São Paulo: Loyola, 2004.

MANUAL de Redação da Folha de S. Paulo. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2010.

MÓDULO, C. M.; GOUVEIA JUNIOR, A. Estudo quantitativo dos infográficos publicados na revista Superinteressante nos anos de 1987 a 2005. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 15, 2007, Santos. *Anais...* Disponível em:

<<http://intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1102-2.pdf>>. Acesso em: 05 de abr. 2012.

MOTTA-ROTH, D. Questões de Metodologia em Análise de Gêneros. In: KARWOSKI, A. M; GAYDECZKA, B; BRITO, K. S. *Gêneros Textuais: reflexões e ensino*. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005. p. 179-202

PELTZER, Gonzalo. *Jornalismo iconográfico*. Lisboa: Planeta Editora Ltda., 1992.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. *Guia para a edição jornalística*. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

SANCHO, José Luis Valero. *La infografía: técnicas, análisis y usos periodísticos*. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, Servei de Publicacions, 2001.

TEIXEIRA, Tattiana Gonçalves. Comunicação Coordenada Infografia. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 3, 2005, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: s.d, 2005.

VALERO SANCHO, José Luis. La infografía digital en el comienzo de una nueva manera de informar. CONGRESO DE PERIODISMO DIGITAL MARACAY, 1, 2004. *Anais...* Disponível em: <www.analitica.com/media/9399701.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2012.

Recebido em março de 2013.
Aprovado em agosto de 2013.